

DIVERSIDADE SEXUAL: QUANTO O CURSO DE MATEMÁTICA SABE?

Lucas Vieira Machado¹, Alexandre Marcineiro Figueredo¹, Amanda Castro¹.

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC¹

No Brasil, o acesso ao ensino público é garantido por lei, sem fazer distinção de raça, cor, sexo, orientação sexual ou religião. Todos devem aprender conteúdos relacionados as quatro áreas de conhecimento, sendo elas: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Embora exista esta categorização, há temas que devem ser tratados de maneira transversal, dentre eles, o tema diversidade sexual que, na maioria das vezes, é negligenciado, ou então é abordado apenas pelo professor de ciências. Por consequência, pode contribuir para que o aluno não tenha uma visão completa do que se trata a diversidade sexual. O objetivo deste trabalho é identificar o nível de conhecimento dos acadêmicos de licenciatura em matemática em relação a temática e apontar os principais sujeitos discriminados pela sua orientação sexual e identidade de gênero. A pesquisa teve início em fevereiro de 2018, possuindo um estudo bibliográfico e abordagem qualitativa. A população é constituída de 31 indivíduos, sendo a amostra mínima de 29 indivíduos. Após leitura do referencial teórico, foi elaborado um questionário com questões abertas e fechadas. O mesmo foi aplicado com as turmas da quinta e sétima fase do curso de licenciatura em matemática da Unesc. Os dados coletados foram organizados em planilhas do software *IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21.0. Foi realizado a análise descritiva. As análises inferenciais serão realizadas com um nível de significância $\alpha = 0,05$, portanto um intervalo de confiança de 95%. Dos 29 acadêmicos, 72,4% são do sexo feminino e 27,6% são do sexo masculino. Ao serem questionados a sua identidade de gênero e orientação sexual, houve equívocos em relação à compreensão dos termos apresentados. Ao serem questionados se já sofreram discriminação a respeito da temática, foi constatado 89,7% afirmaram que não e 10,3% afirmaram que sim. Entretanto, quando questionados se haviam presenciado tal discriminação, observou-se que 58,6% haviam presenciado e 41,4% não. Ao relacionar as variáveis, constata-se que as pessoas com identidade de gênero classificada como feminino, estão mais propensas a não praticarem discriminação em relação à sexualidade, relação esta que é estatisticamente significativa ($p=0,009$). Da mesma forma, nota-se que aqueles com orientação sexual definida como homossexual ou que não souberam responder estão mais propensos a sofrerem discriminação e quem se identifica como heterossexual tende a não sofrer discriminação, relação também significativa ($p=0,034$). A partir dos dados apresentados, conclui-se uma defasagem na preparação dos futuros professores ao se referir a temática. Sendo assim, é necessário que o curso promova palestras e debates com o objetivo de elucidar as dificuldades dos acadêmicos em relação a diversidade sexual.

Palavras-chave: Pluralidade Sexual, Professores, Matemática, Conhecimento, Transversalidade.

Referências:

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia, Silêncio e Naturalização:** por uma narrativa da diversidade sexual. Psicologia política. vol. 8. Nº 16. PP. 307 - 324. Jul - dez 2008. Disponível:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200009>. Acesso: 05 jan 2018.

SANTOS, Daniel. **Homofobia na escola**. Brasília, vol 1, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/temp/article/viewFile/26847/19178>>. Acesso: 15 fev 2018.